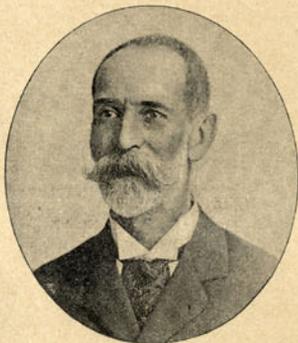
A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 46 | Domingo 12 de novembro | 1893

Manuel Duarte d'Almeida

NÃO ha ainda muito tempo dizia esse nobre poeta que se chamou Anthero do Quental estas palavras tão tristes como verdadeiras:

«Hoje são os extrangeiros que estudam e estimam a nosssa antiga litteratura; nós não. A crescente e hoje quasi total desnaturalisação do espirito publico é o facto mais consideravel da nossa psychologia collectiva, nos ultimos 50 annos. Os da actual geração, póde dizer-se que, pelo pensar, pelo sentir, deixaram já de ser portuguezes. Hoje ha por ahi muito rapaz intelligente e, a seu modo, instruido, que conhece mais ou menos Molière, Racine, Voltaire e até Rabelais e Ronsard, e que nunca leu um auto de Gil Vicente, uma canção de Camões, uma egloga de Bernardim Ribeiro ou de Bernardes, uma carta de Ferreira ou de Sá de Miranda.»

Depois observa o poeta que se abre cada vez mais o abysmo d'esquecimento que separa o pallido, anemico e inexpressivo Portugal d'hoje d'aquelle seu grande ascendente, o heroico, o pittoresco e inspirado seculo XVI. Anthero, como todos os grandes espiritos modernos, é um tradicionalista e entende que na ruptura da tradição está o verdadeiro mal de que enfermam muitas nacionalidades.

Condições d'ordem moral e intellectual superiores podem supprir o facto do sentimento nacional — mas entre nós nada vem substituir o perdido. Abandonámos a crença sem adquirir a convicção, no dizer d'outro poeta illustre — e assim debatemo-nos no vasio.

Por este andar chegámos a ser um povo cuja actividade desperta lá fóra uma corrente de intelligente e amoravel curiosidade, que tão singularmente contrasta com o desalento e a indifferença que inspiramos a nós mesmos.

Sem fallarmos já da ignorancia prodigiosa em que durante seculos nos arrastámos sobre coisas d'arte portugueza e da qual fomos arrancados, graças ás investigações de Roczynske, Robinson, Ceulencer, Justi, Haupt, Uhde, Crawfurd, etc., não é singular que a melhor monographia sobre o nosso monomento da Batalha seja devida a Murphy, a uma penna ingleza, e os mais bellos trabalhos sobre Sá de Miranda e Camões a uma senhora allemã de nascimento?

Ainda agora, com a moderna geração d'escriptores portuguezes, alguma coisa d'analogo se está passando. Os nossos poetas estão sendo traduzidos por Storck, na Allemanha, por Prestage, na Inglaterra, por Formont, em França, por Goran Bjorkman, na Suecia, por Escobar e Curros Enriquez, em Hespanha, por Cellini, Cannizzaro, Canini e Teza, em Italia. E uma grande parte do publico portuguez conhece o valor d'alguns dos nossos maiores poetas (e dos mais ignorados) por intermedio da critica... de Stockholmo!

* * *

Se ha poeta quasi desconhecido no seu paiz, é o altissimo e luminoso artista da «Aromatographia», do «Romance incompleto», do «Eterno Fiminino», da «Mosca morta», das «Estancias ao infante D. Henri-

que», da «Vae Victoribus», «Ramo de lilazes» e tantissimas outras admiraveis producções apenas conhecidas dos limitados cenaculos de Lisboa, Porto e Coimbra.

E' inconcebivel que isto se dê com um poeta d'esta ordem e valor, embora tenha collaborado n'este facto o isolamento a que Mannel Duarte, por indole e feitio, se acostumou de ha muito.

Ainda ha pouco tempo outro grande poeta, seu irmão, Custodio Duarte, morria em Cabo Verde, quasi totalmente esquecido.

Alguns jornaes ainda se referiram mui ligeiramente ao desapparecimento do auctor do «Divinum quid» como das mais altas concepções lyricas da poesia portugueza, digna de figurar a par das obras primas de João de Deus.

A dispersão a que tem sido condemnados até hoje os versos dos dois poetas tem limitado o circulo dos seus admiradores ao dos pacientes e dedicados collecionadores d'essas joias perdidas.

No tocante a Manuel Duarte vae o meu querido amigo e intelligentissimo editor Gomes remediar a injustiça reunindo n'um volume as suas lyricas. Faça o mesmo aos versos de Custodio Duarte. Consta-me que o poeta deixou originaes, absolutamente ineditos, que dariam para um volume. Mas quando isto não fosse verdade, ou esses originaes tivessem desapparecido, os seus dispersos, publicados em jornaes e revistas de provincia, dariam ainda um bello volume. Metta-se n'essa empreza o dedicado editor: e se lhe sobrar coragem, faça o «Parnaso dos poetas ignorados» porque nem lhe faltarão as poesias esquecidas, nem quem, por amor, piedosamente, o auxilie na colheita.

* * *

Parece que não é já sem tempo que devo fallar do poeta. E comtudo eu justificar-me-ia plenamente de lhe dedicar apenas algumas linhas, porque os artistas d'esta raça analysam-se em volumes, mas definem-se em poucas palavras.

Da sua bella alma o que primeiro resalta é uma fina sensibilidade e uma rara elevação moral. Vibra com as mais sanctas dôres e a sua inspiração, librando-se na esphera da mais pura poesia, inaccessivel ás sollicitações da materialidade, canta as mais limpidas aspirações do homem.

A sua musa transborda de sympathia, e essa sympathia é universal, pantheista.

O amor, na sua alma, deixa de ser um delirio absorvente, para ser uma expansão envolvente, cheia de desinteresse e d'abnegação. Das alturas em que paira, a sua musa, tão amorosa e calma, não distingue o vozear e entre-choque dos cynismos que se ferem.

E' uma alma portugueza e na sua simplicidade, na sua timidez, no seu desejo de paz, na sua affectividade, uma alma christã.

Todas as suggestões de tão delicada organisação, encontram para moldar-se fielmente, como a agua n'uma amphora, uma fórma superiormente perfeita, irreprehensivel, camoniana.

Porque Manuel Duarte, como João de Deus, Alfredo Carvalhaes e alguns raros poetas portuguezas, descende espiritualmente de Camões, e é um dos poucos representantes do lyrismo e da poesia epica do seculo XVI, actualmente modificados pelas acquisições de dois seculos que nos separam da Renascença.

E' principalmente nas «Estancias ao infante D. Henrique» que este parentesco se evidenceia d'um modo mais claro.

Quando pinta a torturada anciedade da alma medieval interrogando o Oceano Tenebroso, e o infante

De pé na aguda escarpa do rochedo
De que fizera abrigo solitario,
Que mais dissereis aspero degredo
Ou retiro de monge visionario,
Já julgaveis — talhado no fraguedo —
Phantastico navio temerario,
Impaciente que bate a sua hora
Por fazer-se de vela, sem demora;

e ainda mais na estrophe em que nos montes o grande precursor do Gama, cujo olhar

Viu — fluctuando em ondas remansosas,
Como em vinho d'espumas conchegadas,
Umas como que terras mysteriosas,
Ilhas talvez, decerto afortunadas
Na corrente das aguas murmurosas
Para o berço do sol talvez levadas...

não é o proprio espirito dos «Lusiadas», o seu proprio sangue que palpita e estua?

Esta filiação não escapou á perspicacia de Formont que vê no poeta *un vrai fils du Camoens, un continuateur de la grande tradition épique nationale.*

Para o mesmo critico as «Estancias» são dignas de constituir um diptyco litterario com as estrophes em que Tasso saúda em Colombo o genio audacioso da humanidade.

* * *

O que mais se admira em Manuel Duarte é a sobriedade elegante, a sua adjectivação precisa e caracteristica, e a equilibrada ponderação da sua esthetica.

Na poesia patriotica, genero sempre difficil, Manuel Duarte evita, mercê d'aquellas qualidades, as falsas atitudes sentimentaes, a declamação ôca, banal e retumbante. Leia-se o «Vae Victoribus» arrancado á alma do poeta pelo ultimatum inglez — uma das poucas poesias que sobrenadam no meio d'aquella vergonhosa invasão de coisas vãs, de baixezas litterarias.

Onde comtudo a indole do poeta melhor se revela, com todos os cambiantes, é na poesia-lyrica, tomando esta palavra na sua mais rasgada acepção.

A paleta do artista enriquece-se então com as côres mais extranhas e ineditas. Do seu melhor soneto, que é tambem um dos melhores sonetos da sua lingua, que diremos nós depois que um mestre como João Penha, referindo-se ao nosso poeta, lhe chamou o auctor da «Aromatographia»?

É que a «Aromatographia» define um poeta. Quando d'elle apenas nos ficasse aquella preciosidade tanto bastaria para dizer-se: aqui está um poeta. Em arte o *muito* e o *pouco* não têm significação. Mil quadras acceitaveis não valem uma boa. E um bello soneto vale tanto como um bom poema.

Com o mesmo fundamento poderiamos chamar ao poeta o auctor do «Romance incompleto», o auctor da «Mosca morta». Esta *elegia pantheista*, como o poeta a apellidou, chegou a *fazer escola*. Em torno d'ella não só se elevaram os louvores que naturalmente inspirou, como se tornou o nucleo d'uma interessante elaboração litteraria, manifestada em producções claramente suggeridas por ella. Foi um acontecimento, quasi sem precedentes.

Mas em summa, pediram-me que fallasse do poeta, e eu estou quasi a analysal-o. Ora se ha coisa difficil é analysar o indecomponivel — e é o que succede com a obra d'arte.

O homem define-se ainda com mais brevidade do que o artista. É simples tarefa, quando o caracter é logico. Basta enunciar-lhe uma qualidade — as mais deduzem-se. É um puritano, um estoico sem rigidez.

E esta feição resalta por tal fórma da sua obra litteraria, que um critico que apenas o conhece pelos seus versos, póde vêr n'elles, como n'um espelho, a sua nobre figura moral.

MANUEL D'OLIVEIRA RAMOS.

POLITICA SEM POLITICA

Continua a dissolvente questão da dissolução!

Ha dissolução ou não ha dissolução?

Vão lá advinhal-o, se o proprio governo naturalmente ainda o não sabe!

Que elle a deseja, é claro. Mas o que não sabe ainda é se se atreverá a sollicital-a. Se o caso estivesse já absolutamente assente, affigura-se-nos obvio que já estaria consummado o seu pedido, pois, posta a questão, quanto mais se demora a resolução, mais se compromette o seu exito, de embate ás crescentes reluctancias que levanta.

A verdade parece ser, que um dia o governo accorda muito animado a levar o seu projecto por diante, mas no dia seguinte já as cousas se lhe não affiguram tão simples e propicias.

E' como nos doentes mal parados, minados de vago e profundo mal, com que os medicos não atinam: um dia o boletim é côr de rosa, no outro torna-se tetrico, volta a ser animador, repassa a desesperado, e assim durante bastante tempo, ás vezes.

D'estas situações, não diremos, para não assustar os senhores ministros e sua familia politica, qual é o desfecho mais frequente; mas, ordinariamente, quando o enfermo escapa d'estas oscillações, não fica nunca com muita saude.

E' o que nos parece que succederá ao nosso doente do Terreiro do Paço, se o desenlace do mal que o mina, e para o qual pretende recorrer ao *citrato de dissolução*, o não conduzir rapidamente aos *Prazeres* da demissão expontanea.

Impoliticus.

OS INIMIGOS DO HESPANHOL

Todo o hespanhol tem no mundo dois inimigos, com os quaes é absolutamente irreconciliavel: um d'esses inimigos é o mouro, que lhe assalta Melilla, o outro inimigo é o inglez, que se lhe não larga Gibraltar.

Na Andaluzia, principalmente, quando nasce um menino, a mãe, ao chegar-lhe o peito, anima-o, dizendo:

— *Anda, niño! Hace-te fuerte, que tienes que matar un moro!*

E dá-lhe o leite com mais orgulho, prevendo já os destroços terriveis que o filho ha-de um dia fazer entre os riffenhos.

Contra o inglez ha um odio implacavel e surdo. A garra adunca do leopardo, que está cravada em Gibraltar, fere constantemente o coração de todo o povo hespanhol.

Quando, ha quatro annos, o vapor *Duc de Bragance*, na sua primeira viagem, depois de ter estado no Tejo, ancorou em frente de Cadiz, apresentou-se a bordo um hespanhol, inculcando-se primo do Conde de Pereire, governador da Companhia. Era gordo, atarracado, de bigode e pera grisalhos, olhar muito vivo e risonho, falando animadamente e gesticulando sempre. A unica pessoa que a bordo comprehendia a lingua hespanhola era eu. O homem, ao ouvir-me falar, perguntou-me se eu era seu compatriota; e, quando lhe respondi que era portuguez, estendeu-me logo affectuosamente a mão, e exclamou, radiante de jubilo:

— *Oh! Yo soy pueblo hermano! Mucho gusto!*

Fiquei desde então sendo o interprete entre *Pueblo hermano* e o Conde de Pereire, que não renegou o parentesco. No dia seguinte apresentou-se *Pueblo hermano* com a filha, uma linda e graciosa gaditana, que tambem não comprehendia uma palavra de francez. Convidou-os o Conde de Pereire para viajarem no vapôr, que no dia immediato partia para Tanger, de Tanger para Gibraltar, de Gibraltar para Malaga, e de Malaga para Oran, Argel e Marselha. Acceitou *Pueblo hermano* o convite até Malaga; e, perguntan-

do-me quanto tempo se gastaria n'aquella viagem, como eu lhe respondesse que, pelo menos, quatro dias, observou:

— Então nem eu nem minha filha precisamos de levar malleta!

E embarcaram realmente sem bagagem. Sómente a filha é que, além da roupa que levava vestida, se muniu prudentemente com um par de castanhollas. Ia em meio de francezes, e talvez soubesse d'aquelle caso passado entre um parisiense e um andaluz, quando este, affirmando a sua naturalidade, ouviu do outro a seguinte replica:

— *Comment? Vous?! Vous êtes espagnol?! Mais alors montrez — moi vos castagnettes!*

Sim; porque lá um hespanhol sem as competentes castanhollas é que nenhum parisiense admitte!

Foi alegre e divertida a viagem na companhia de *Pueblo hermano*, que, apesar de não saber patavina de francez, nem por isso deixava de falar no grupo dos outros passageiros, importando-se pouco que elles o comprehendessem ou não.

Durante o jantar, como na mesa houvesse varias garrafas de aguas mineraes, taes como Vichy e Saint Galmier, de cada vez que uma senhora pedia amavelmente a *Pueblo hermano* que lhe passasse uma garrafa, *Pueblo hermano* perguntava-me se era para misturar no vinho, e, antes de passar a outra mão, ia-se elle servindo. No mesmo copo deitou elle Vichy, Saint Galmier, Apollinaris, e bebeu tudo misturado com Bordeus.

Quando saltámos em Tanger, *Pueblo hermano* olhava o mouro marroquino com mais despreso do que odio, e a cada passo fazia notar o abandono d'aquelles beccos tortuosos e sujos, o atrazo das fortalezas e a ausencia completa de civilisação. Mudou, porém, o caso de figura, quando, dois dias depois, ancorámos em Gibraltar. *Pueblo hermano* ia carrancudo, sombrio e pouco expansivo. Ao subirmos a fortaleza aberta no famoso *penon* e guarnecida de enormes canhões assestados sobre o mar, *Pueblo hermano* caminhava triste, silencioso e cabisbaixo, como se fosse entrando ali n'um captiveiro. Vendo-me a falar com um official do exercito russo, que ia tambem a bordo, aproximou-se e perguntou-me o que dizia o companheiro de tudo aquillo.

— Diz que isto hoje — respondi eu — não vale nada! Com dynamite faz-se saltar tudo pelos ares.

Pueblo hermano teve uma expansão de verdadeiro jubilo; e, apertando logo a mão do official russo, disse-lhe reconhecido:

— *Muchas gracias!*

Ao regressarmos a bordo, annunciou o Conde de Pereire que o sr. governador militar de Gibraltar viria, acompanhado dos seus ajudantes de ordens, jantar comnosco, e pedia por isso ás senhoras e aos homens que se apresentassem com toda a ceremonia. As senhoras foram para as suas *cabines* vestir-se com *toilettes* de baile, e os homens com casaca e gravata branca.

Pouco tempo antes de chegar o governador, avistei por acaso *Pueblo hermano* que com a filha passeiava ao fundo do tombadilho, falando baixo e triste. Perguntei-lhe se não vinha á mesa. *Pueblo hermano* respondeu-me seccamente que não queria jantar. Suppuz que o motivo d'aquella abstinencia e d'aquella tristeza era não ter elle trazido casaca, nem a filha ter outro vestido; e aconselhei-o a que tomasse logar n'uma das mesas mais afastadas, como faziam dois ou tres dos passageiros que estavam na mesma circumstancia. Aqui, é que era vêr *Pueblo hermano!*

A casaca?! Que lhe importava a elle o não trazer casaca! O motivo era mais forte. E, segurando-me nervosamente o pulso, n'aquella sombra isolada do vapôr, disse-me com uma voz tremula e dilacerada pelo odio:

— *Ni yo, ni mi hija, ni nadie de mi familia comerá en las aguas de Gibraltar con un pillo d'inglez!*

E repetia convulso:

— *Compreende usted? Ni yo, ni mi hija, ni nadie de mi familia!*

E vi então no rosto attribulado de *Pueblo hermano* a expressão do odio, da magua e da sêde de vingança, que deve torturar o coração de todo o povo que se sente opprimido e impotente para saccudir o jugo do estrangeiro.

Na madrugada do dia seguinte quando chegamos a Malaga, já *Pueblo hermano* não era o mesmo homem. A' proporção que o vapor se affastava de Gibraltar, ia-se lhe dissipando do espirito aquella nuvem de tristeza, que o assombrava e torturava. Foi elle que nos serviu de cicerone; e era um gosto vel-o atravessar aquellas ruas que conduzem á cathedral, saudando para a direita e para a esquerda, apontando um ou outro edificio antigo, e sorrindo maliciosamente para os companheiros, quando por accaso encontravamos alguma formosa *malaguena*, que passava ao lado, com uma flor escar-

---

FOLHETIM

O CASTELLO DE ALMOUROL

III

Brizida de Souza acordou espavorida ao frio gelado de um verdadeiro regador de agua que lhe entornavam sobre a cabeça, e saltando por a casa em roupas menores, e com a boca escancarada, para bradar, era colhida no ar por mãos pouco caridosas e nada leves, que de empurrão em empurrão a levaram aos tombos até ao corredor, aonde veiu encontrar em anagua o honrado escudeiro, tiritando de susto e com uma das mãos em cada face esbofeteada pelos duendes, com vigor que bem accusava uma força sobrenatural. D. Maria, encolhida e semimorta de pavor, não padecera senão o terror de ouvir estalar ao pé do leito gargalhadas dissonantes, e arrastar ferros.

No quarto de D. Pedro, os trasgos haviam sido menos felizes, porque tinham chegado mais atrazados. Dotado de animo varonil e reflectido, sereno em presença do perigo, e pouco disposto a acreditar na intervenção dos poderes infernaes, o mancebo resolvera velar a noite sem se despir, e com a espada nua ao lado, tinha-se entregado á leitura de um livro novo, que em breve lhe absorveu a attenção. Feriu-lhe de repente o ouvido a matinada das investidas no corredor e nos aposentos proximos. Apagando a luz, e empunhando a espada, aguardou silencioso.

A sua porta abriu se de feito, pouco depois, e pareceu-lhe aperceber dois vultos na escuridão. Deixou-os adiantar, seguiu-os, e quando um se debruçava sobre o leito vasio, e o outro, assoprando n'um buzio tirava d'elle sons roucos e medonhos, cahiu ás pranchadas sobre o musico do Averno, ao qual o instrumento escapou dos dedos, e que, amedrontado, principiava a revolver-se pela casa, gritando como um simples mortal derreado por uma sova. O outro phantasma volveu logo em auxilio do agredido, mas uma cutilada de D. Pedro, aparada no braço ao que pareceu, deitou-o pela porta fóra como um vendaval, em quanto o companheiro tomava o mesmo caminho, mas de rastos e gemendo.

D. Pedro, decorridos instantes, feriu lume, accendeu a vela do castiçal e a candeia, e examinou attentamente o campo de batalha. Jaziam no chão um buzio dos usados pelos ranchos da apanha da azeitona,

late nos cabellos e outra flor mordida entre os dentes — como a *Carmen* ao falar a *D. José*.

Depois de visitarmos a cathedral, admirando os preciosos quadros de Cano e de Ribera que se vêem expostos na egreja e na sachristia, dirigimo-nos para as famosas adegas do abastado capitalista Herrera. Ali, sim! No meio d'aquelles centenares de pipas sobrepostas ao longo dos vastos armazens, *Pueblo hermano* não cessou um momento de falar. O proprietario offerecia amavelmente ás senhoras um calix de cada uma das diversas qualidades do seu vinho; e logo *Pueblo hermano* accudia do lado, apregoando a transparencia, o perfume, o rico sabôr, affirmando que não existia no mundo licôr que se lhe comparasse.

As senhoras chegavam apenas o calix aos labios. *Pueblo hermano*, porem, insistia com ellas para que bebessem mais, e, como ellas o não fizessem, exgotava elle o calix.

Ao cabo de meia hora que durou a visita, *Pueblo hermano* tinha bebido os seus vinte ou vinte e cinco calices. Oh! como elle estava animado e contente! As faces da côr de uma malagueta até faziam parecer mais brancos o bigode e a pêra. Os olhos brilhavam já como dois carvões acesos. E falava, falava, falava, como se fosse um verdadeiro moinho de palavras!

Sahimos das adegas para a esplendida propriedade do marquez de Lloring, que fica a uma legua de distancia da cidade. As carruagens que nos transportavam iam em fila, chamando a attenção de toda a gente. *Pueblo hermano* que ia no ultimo *landeau* com tres jornalistas francezes, parecia um rei passeando nos seus dominios.

Ao chegarmos ás portas da quinta do marquez, saltamos das carruagens e seguimos a pé por aquellas extensas ruas guarnecidas de soberbas palmeiras e bananeiras. Toda a gente ia admirada com a ostentação da bella propriedade, que é habitada apenas nos mezes de verão pela familia do nobre titular.

Mas, quando os grupos dos visitantes iam já a meio da rua principal, sentiu-se rodar atraz uma carruagem. Voltei-me para ver quem chegava. Quem havia de ser? Era o meu caro *Pueblo hermano*, que não teve forças para descer. Sósinho no meio do *landeau*, com os braços abertos para se amparar dos lados, o chapeu um pouco abandonado sobre a nuca, a cabeça oscillante á mercê dos balanços do carro, *Pueblo hermano* vinha n'um estado lastimoso! Assim é que elle se não apresentaria nunca *en las aguas de Gibraltar*! Ah! *Pueblo hermano*, como o vinho de Malaga é traiçoeiro!

Quando a carruagem passou em frente do grupo em que eu ia, gritei-lhe:

— *Eh! Pueblo hermano, que tal?*

Pueblo hermano abriu a custo as palpebras preguiçosas, debruçou-se um pouco para o lado, e com a vista um pouco turva e a voz arrastada, respondeu:

— *Muy bien; pero, amigo, muy mareado! Muy mareado!*

Não estava mao o *mareo*! Quiz elle attribuir ao mar o mal que lhe fizera o Malaga!

Mas estou certo de que se n'aquelle momento *Pueblo hermano* visse ali um inglez ou um mouro, não havia *mareo* que lhe turvasse a vista, nem a elle, *ni a sua hija, ni a nadie de sua familia*!

Alberto Braga.

As joias de D. Ignez de Castro e o calice d'Alcobaça

Do sr. José Pessanha, distincto investigador da nossa historia artistica, recebemos a seguinte carta, que gostosamente publicamos, com sua authorisação, como curioso additamento ao insignificante estudo, que aqui publicamos subordinado a este titulo:

Sr. Sousa Viterbo

Meu amigo.

N'um dos seus interessantissimos artigos d'*A Semana de Lisboa* sobre o famoso calice d'Alcobaça, diz v. que é para sentir que d'esta preciosa joia de ourivesaria não tenha ficado um desenho ou uma descripção, por onde podessemos julgar do seu estylo e da sua data.

Felizmente, existe uma descripção e existem desenhos, embora tudo tosco, *ingenuo* e incompleto. Tive, ha tres ou quatro annos, a fortuna de encontrar, n'um dos volumes da importante collecção de manuscriptos da Bibliotheca Nacional, intitulado «*Memorias da Congregação d'Alcobaça*», esses vestigios, porventura unicos, do mysterioso ca-

---

um lençol com lagrimas de tinta encarnada, e uma caveira de papelão pintada de amarello.

O mancebo sorriu-se. Aquelles despojos eram o corpo de delicto e ao mesmo tempo documento vivo da conspiração tramada. Algumas gôtas de sangue, cahidas no pavimento desde metade da casa até á porta, provaram-lhe que um dos actores do drama nocturno retirara ferido e assignalado. D. Pedro pegou no castiçal, e seguindo o rasto de sangue pelo corredor, notou que parava no topo, aonde só existia uma parede grossa, sem nenhuma sahida apparente. Informado do que desejava verificar, voltou atraz, e encaminhou-se ao camarim de Romão Pires. Á porta viu duas figuras brancas ajoelhadas. Deteve-se um pouco até se affirmar. A velha aia e o dorido escudeiro, ambos de joelhos, e ambos transidos de medo e de frio, esgotavam um defronte do outro todo o vocabulario de rezas e de interjeições atribuladas, sem se atreverem a volver aos aposentos. D. Pedro, não podendo suster o riso, fallou-lhes, animou-os, e, mandando-os acabar de vestir, passou a visitar a camara de Fr. João.

O frade ainda jazia na mesma posição. Conservava-se quasi exanime na ampla cadeira. Vendo entrar o sobrinho com o castiçal em uma das mãos e a espada nua debaixo do braço, estremeceu, e esbugalhou os olhos, mas não se moveu.

D. Pedro aproximou-se da mesa, accendeu a outra vela, e sem proferir palavra examinou cuidadosamente o aposento. Nenhum indicio! O inimigo triumphante não deixára despojos. Terminado o exame, poz o castiçal em cima do velador, collocou a espada ao pé do castiçal, e, volvendo para junto da cadeira, d'onde o tio, como paralysado, observava tudo silencioso, disse-lhe:

— Mas o que foi isto?!...

Fr. João respondeu com um suspiro, e correu a mão pela testa ainda inundada de suor.

— Estas pistolas disparadas, estas balas no chão!... Não me dirá o que succedeu?!...

Outro suspiro mais alto.

— Por onde entraram elles?...

O dominicano, que a vista do sobrinho ia reanimando a pouco e pouco, meneou a cabeça com tristeza, fez um esforço para levantar meio corpo da cadeira, e apontou com o dedo para o quadro, cuja figura vira minutos antes soltar-se da moldura, e encaminhar-se para elle.

— Ah!... Foi por esta porta?... observou o sobrinho, pegando no castiçal e correndo a luz por todo o quadro de cima abaixo. De repente exclamou: Olhe?!

— O que? disse o frade, pondo-se de pé, mas tão abatido e tre-

lice, — mysterioso para os eruditos do seculo XVIII, a quem as cento e tantas lettras do sagrado vaso deram que pensar, e mysterioso tambem para nós, que não podêmos ainda saber que fim levou elle, e que nem já da patena conhecemos ao certo o paradeiro, segundo creio...

Satisfeitissimo com o achado, como v. que tem o amor das cousas da Arte e do passado, póde imaginar, — apressei-me a tirar copia de tudo quanto n'esses documentos ha interessante, sob o ponto de vista artistico, e logo enviei as copias, com promessa de breve remetter photographias dos desenhos, ao sr. Joaquim de Vasconcellos, para tudo ser publicado, com algumas notas d'esse escriptor e uma rapida introducção minha, na serie de estudos intitulada *Historia da Arte em Portugal*, que desde 1881 se imprimia no Porto, sob a direcção do sr. Vasconcellos.

Esta publicação, porém, tem estado interrompida, e por isso a descripção e os desenhos do calice d'Alcobaça continuam ineditos e ignorados.

Escrevi ha pouco ao sr. J. de Vasconcellos, pedindo-lhe me devolva o original; e, assim que o receba, fal-o-hei publicar, com photogravuras dos desenhos.

Um dos raros que hão de apreciar esses elementos de estudo, é decerto v., de quem sou, com a mais alta consideração,

Collega e servidor

José Pessanha.

25—10—93.

Como era bem de suppôr, esta carta mordeu a nossa curiosidade e fômos á Bibliotheca Nacional examinar *de visu* o codice indicado, e que ali se guarda com esta marcação: A-5-13. Intitula-se indevidamente *Memorias da Congregação d'Alcobaça*, e dizemos indevidamente, porque não só não proveiu d'este convento, mas contem relações d'outros, como de Santa Cruz e Laveiras. É uma miscellania de historia ecclesiastica, que fez parte do fundo ou archivo da *Academia de historia portugueza*. Entre os papeis que encerra conta-se a correspondencia trocada entre o academico Manuel Caetano de Sousa e o chronista alcobacense Manuel dos Santos, a quem o primeiro pedira informações sobre o calice d'Alcobaça. O desenho, a que allude o sr. Pessanha, é apenas uma representação geometrica da base do calice, e nem pelo desenho nem pela descripção poderemos fazer um juizo seguro ácerca do estylo e da época d'aquella joia de ourivesaria portugueza. A descripção limita-se a indicar os assumptos que o artista tratara nos diversos baixos-relevos, que ornamentavam o calice. O que é importante, porém, é a opinião manifestada por fr. Manuel dos Santos, que, por exclusão de partes, adopta a nossa, isto é que aquelle vaso sagrado fôra dadiva do cardeal D. Affonso, filho de D. Manuel. Além dos testimunhos a que nos referimos, cita ainda outro exarado n'um dos codices d'Alcobaça e em que se diz que o calice fôra fabricado com as joias deixadas por D. Affonso II, conforme se lê em seu testamento.

Não foi só D. Manuel Caetano de Sousa, que procurou obter d'Alcobaça informações ácerca do calice; de S. Vicente tambem as pediram e para ali foi remettido um desenho, que talvez ainda exista, se por ventura foi archivado, e o respectivo archivo não se perdeu ou não se dizimou.

Entre os papeis concernentes ao assumpto acha-se tambem a dissertação que D. Manuel Caetano de Sousa recitara em 1713, no convento dos theatinos, pelas festas da canonisação de Santo André Avellino.

Outras particularidades poderiamos accrescentar, mas entendemos que não nos é dado explorar mais profundamente a mina, que outros foram os primeiros a descobrir. Ao sr. José Pessanha cumpre a delicada tarefa; a nós cumpre-nos agradecer a sua obsequiosa indicação.

Sousa Viterbo.

Anniversarios da semana

Domingo 12 — As sr.as: D. Elvira Dulce Salgueiro de Miranda, D. Adelaide Christina da Motta Pedroso Barata dos Reis, D. Marianna Cabral d'Aquino Mascarenhas, D. Maria José Telles de Vasconcellos, D. Maria Adelaide de Almeida Palmeirim, D. Maria da Conceição de Carvalho Ravara.

E os srs.: Conde de Bobone, Carlos Relvas, Eduardo Pinto da Silva Cunha, Victorino d'Almeida da Camara Manuel, Carlos de Sousa Pinto de Magalhães.

---

mulo, como se acaso se levantasse convalescente de longa enfermidade.

— Venha meu tio, e veja!

De feito um dos enfeites de talha mais elevado movia-se como um botão debaixo dos dedos do mancebo, e a pesada moldura, cedendo á pressão, abriu-se lentamente.

— Ah!... exclamou Fr. João.

— Aqui tem a porta!... e o segredo de tudo.

— Velhacos! bramiu o dominicano irritavel, recuperando repentinamente as côres, a elasticidade dos membros, e a viveza dos olhos. Mas abaixando a vista, deu com as duas balas das pistolas ainda no chão, e uma nuvem torrou-lhe outra vez o rosto. Mostrando-as ao sobrinho narrou-lhe o que succedera e ouviu da boca do mancebo a historia da sua lucta com os duendes. Fr. João ficou mudo e suspenso por momentos, semelhante a um immenso ponto de interrogação.

— Sahiu d'aqui depois de carregar as armas?... perguntou D. Pedro.

— Cinco minutos quando muito. Cheguei ao camarim de Romão Pires.

— Foi o que bastou. Não mexeu na espingarda? Está certo?

— Como de te estar vendo.

— E metteu-lhe uma bala de calibre?

— Seguramente.

— Muito bem, quer vêr?

E D. Pedro, pegando na vareta, descarregou a arma, tirando as buxas e a polvora. Da bala não achou noticia.

— Ah! tratantes!... rugiu o frade, fechando os punhos, e rangendo os dentes, plectorico de colera.

— Podiam atirar-lhe com tres balas aos pés em vez de duas! Tinham tido o cuidado...

— De mas empalmar?! Sobrinho! Juro que hão de pagar-m'o caro!... Só atazanados!

— Dá licença que lhe dê um conselho?...

— Dize, rapaz. Estás um homem, e tens mostrado valer mais, do que nós todos.

— Se quer apanhar o rato na ratoeira, não faça bulha.

— Bem! Bem! *Do manus! Qui nescit dissimulare nescit regnare*, acudiu Fr. João, esfregando as mãos. Ah! patifes! O que elles se terão rido á minha custa!...

— Deixe! Riram-se hoje? Ámanhã chorarão! Boas noites meu tio. Socegue, que bem o precisa.

Rebello da Silva.

Segunda-feira 13 — As sr.as: D. Adelaide d'Almeida e Vasconcellos (Mossamedes), D. Maria da Gloria Mousinho da Silveira Canavarro de Andrade Valladares e Aguiar (Ribeiro de Pena), D. Libania Leão Cabreira (Faro), D. Maria Thereza de Sousa Sarmento de Sande Pinheiro (Serra da Tourega), D. Laura Mendes Norton d'Alpoim, D. Maria da Conceição d'Azevedo e Sá, D. Maria Augusta da Silva Baldaque Cunha Foyos.

E os srs.: Conde de Sabugosa, Conde de Villa Nova da Cerveira, Visconde da Bella Vista.

Terça-feira 14 — As sr.as: D. Maria Augusta Prostes Bordallo Pinheiro, D. Adelaide Lupi, D. Maria do Carmo Barreiros Arrobas de Portugal, D. Maria da Natividade Guedes, D. Leonor Carolina de Carvalho Serrão.

E os srs.: Conselheiro Manuel Paulino d'Oliveira, Luiz d'Azevedo Coutinho, Luiz Paulino Borges.

Quarta-feira 15 — As sr.as: Condessa de Castello Branco, Viscondessa de Carvalho, Viscondessa de Pereira e Cunha, D. Christina Burlamaqui Marrecos (Fonte Boa), D. Julia Wan-Zeller Machado de Mendia (Benagazil), D. Maria Christina Severina d'Azevedo, D. Izabel Maria Carneiro de Moraes e Senna.

E os srs.: Conde de Valbom, Visconde da Torre de Moncorvo, D. José da Silva Pessanha, Francisco de Lemos d'Azevedo Coutinho.

Quinta-feira 16 — As sr.as: D. Antonia Margarida de Mello Sampaio do Amaral Freitas (Pombeiro da Riba de Vizella), D. Elvira Alves Ribeiro Bivar, D. Maria Ignez d'Almeida, D. Beatriz Sousa da Costa Machado.

E os srs.: José da Silva Bento de Sousa (Salvaterra), Francisco José d'Oliveira Sá Chaves, José Rigoni de Vasconcellos, Jorge Arthur da Silva Mendes Sobral.

Sexta-feira 17 — As sr.as: Marqueza de Sabugosa, Baroneza de Rio de Moinhos, D. Maria Francisca Pereira Cyrne Peixoto (Almada), D. Maria da Piedade Mendes Leal Veloso, D. Elvira Maria dos Santos Pires, D. Maria Justina Léger Duarte Pereira, D. Maria Thereza Nazareth dos Santos.

E os srs.: Conde do Alto Mearim, Visconde d'Alemquer, Barão de Pombeiro, Conselheiro Guilhermino Augusto de Barros, Vasco da Camara Berquó (Belmonte), Joaquim Pedro Xavier Quintella (Farrobo), Dr. Adrião Forjaz.

Sabbado 18 — As sr.as: D. Maria Laura de Mello Osorio Sarmento e Vasconcellos (Almeidinha), D. Maria Carlota Quintella d'Azevedo Cardoso e Sá (Farrobo), D. Anna de Castro Lemos, D. Maria Ephigenia Pinto Guedes Pereira Coutinho, D. Jesuina Candida da Cunha Negrão, D. Margarida Adelaide dos Santos, D. Mathilde de Quental da Camara de Castro Borges.

E os srs.: Henrique Ribeiro de Faria (Barros Lima), Dr. José Carlos de Macedo (S. Cosme), Ernesto Julio Goes Pinto, Diogo da Gama Lobo Salema.

EPHEMERIDES SEMANAES

4 — A camara municipal de Lisboa resolve emittir letras promissorias na importancia de 6:000$000 de réis para pagamento de outras em circulação de egual valor.

— A ordem do exercito publica o decreto e o respectivo regulamento criando uma sociedade cooperativa de consumo denominada «Cooperativa militar».

5 — Termina o festival e kermesse promovidos pela imprensa, no passeio da Estrella, em favor das victimas do cyclone dos Açores.

6 — Reune a sociedade de geographia, lançando na sua acta um voto de sentimento pela morte do marechal Mac-Mahon.

7 — São avaliados os vapores *Loanda* e *Rovuma* da Mala Real Portugueza, sendo o primeiro em 200 contos e o segundo em 40.

— Fallecimento do antigo e popular actor João Gonçalves Ramos.

— Estreia da companhia italiana de opera comica, no Colyseu dos Recreios.

8 — Regresso de Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia, com seus augustos filhos, ao paço das Necessidades.

9 — Fallecimento da sr.a viscondessa de Bessone.

10 — Abertura solemne do Instituto Industrial de Lisboa e distribuição dos premios aos alumnos. Assistiram ao acto Suas Magestades El-Rei e a Rainha D. Amelia, ministro das obras publicas, etc.

José das Kalendas.

THEATROS E CIRCOS

D. Maria

A empreza fez n'esta semana *reprise* de duas peças de D. João da Camara, «Os Velhos» e «Affonso VI».

As duas producções do distincto e primoroso dramaturgo foram de novo muito applaudidas.

Gymnasio

A festa de Eduardo Schwalbach com a 15.a recita da «Anastacia & C.a», foi uma das mais brilhantes noites d'aquelle theatro.

Ao espectaculo assistiu El-Rei.

O sympathico auctor foi muito victoriado, e teve ali mais uma demonstração do apreço em que é tido o seu reconhecido talento.

Colyseu dos Recreios

A estreia da companhia de operetta italiana attrahiu uma enchente completa a este circo, apesar das suas dimensões.

Os artistas foram applaudidos no «Fra Diavolo», e hão-de sem duvida continuar a merecer do publico as provas de estima com que foram acolhidos na primeira noite.

Real Colyseu

Tem continuado a chamar a concorrencia de espectadores a companhia, que funcciona no circo da rua Nova da Palma.

A empreza tenciona mandar vir em breve uma notavel collecção de leões, que tem sido muito admirada nos circos estrangeiros.

Nos outros theatros continuam em scena os mesmos espectaculos.

Praça de touros

Parece que terminaram n'esta epocha as corridas da praça do Campo Pequeno. E assim se tornava necessario, a não ser que os emprezarios façam entrar os touros no *redondel* resguardados com as classicas galochas, para lhes evitar qualquer defluxo.

Consta até que o curro que foi corrido no domingo passado se acha todo de... cama e no uso de variados xaropes e peitoraes.

SPECTATOR.

Typ. Christovão — R. de S. Paulo, 60 e 62.

JERONYMO MARTINS & F.º

13, RUA GARRETT, 15

CHAMPAGNE-POMMERY

ESPECIALIDADES:

QUEIJOS CAMEMBERT E ROQUEFORT

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio. A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1